

Viajantes na Bahia oitocentista: motivações e impressões acerca dos serviços de hospedagem

Viajantes en la Bahia ochocientista: motivaciones e impresiones acerca de los servicios de hospedaje

Travelers in Bahia in the 18th century: motives and impressions of accommodation services

Olívia Biasin Dias*
oliviabiasin@oi.com.br

Resumo

O presente trabalho apresenta, inicialmente, um panorama do desenvolvimento das viagens organizadas, no decurso do século XIX, apontando os aspectos que influenciaram na sua expansão no mundo ocidental. Em seguida, enfoca as principais motivações que levaram diversos indivíduos a escolher o Brasil e a Bahia¹ como destino de viagem. Por fim, pontua aspectos da infra-estrutura existente na Bahia oitocentista, no que tange aos serviços de hospedagem e alimentação. A pesquisa apóia-se nos diários de viagem de sete estrangeiros - Conde de Suzannet, Louis Agassiz, Maximiliano de Habsburgo, Maria Graham, Princesa Therese da Baviera, Robert Avé-Lallemant e Thomas Lindley - bem como em informações encontradas nos jornais *Alabama*, *Jornal da Tarde*, *O Commercio*, *O Século* e *O Interesse Público*, que circularam na Bahia do século XIX. Nesse sentido, a análise certifica a importância desses deslocamentos, matrizes dos fluxos de turismo internacional existentes hoje na cidade, para a formação de um mercado consumidor e prestador de serviços relacionado às viagens.

Palavras-Chave: Viagens Oitocentistas, Motivações, Serviços.

Resumen

El presente trabajo muestra, inicialmente, un panorama del desarrollo de los viajes organizados, en el decurso del siglo XIX, señalando los aspectos que influyeron en su expansión en el mundo occidental. A continuación, enfoca las principales motivaciones que llevaron a diversos individuos a elegir Brasil y Bahía como destino de viaje. Finalmente, señala aspectos de la infraestructura existente en la Bahía ochocientista, en lo que se refiere a los servicios de hospedaje y alimentación. La investigación se apoya en los diarios de viaje de siete extranjeros - Conde de Suzannet, Louis Agassiz, Maximiliano de Habsburgo, Maria Graham, Princesa Therese da Baviera, Robert Avé-Lallemant y Thomas Lindley - así como en informaciones encontradas en los periódicos *Alabama*, *Jornal da Tarde*, *O Commercio*, *O Século* y *O Interesse Público*, que circularon en la Bahía del siglo XIX. En ese sentido, el análisis certifica la importancia de esos traslados, matrizes de los flujos de turismo internacional existentes hoy en la ciudad, para la formación de un mercado consumidor y prestador de servicios relacionado a los viajes.

Palabras-clave: Viajes Ochocentistas, Motivaciones, Servicios.

Abstract

Initially, this article presents an overview of the development of organized travel throughout the 19th century, pointing out aspects that influenced its expansion in the western world. Next, it focuses on the main motives that led various individuals to choose Brazil and Bahia² as a travel destination. Finally, it points out aspects related to accommodation and food in Bahia in the 18th century. This study is based on the travel diaries of seven travelers - Conde de Suzannet, Louis Agassiz, Maximiliano de Habsburgo, Maria Graham, Princesa Therese da Baviera, Robert Avé-Lallemant and Thomas Lindley - and information found in the following newspapers *Alabama*, *Jornal da Tarde*, *O Commercio*, *O Século* and *O Interesse Público*, all published in Bahia in the nineteenth century. The analysis shows the importance of these trips, which formed the origins of the international tourism that exists in the city today and the formation of consumer and service markets related to travel.

Key words: Travel in the Eighteen Hundreds, Motives, Services.

*Mestranda em História Social pela Universidade Federal da Bahia.

1 O século XIX e o desenvolvimento das viagens

O turismo ganhou força econômica no século XX, quando passou a ser realizado de forma organizada e a ser considerado uma atividade sócio-econômica rentável. No entanto, as viagens sempre estiveram presentes na vida dos seres humanos, motivadas por diferentes anseios e necessidades.

O turismo moderno ou organizado surgiu no decorrer do século XIX e se consolidou no XX, experimentando expressivo desenvolvimento a partir de 1950 (pós-guerra). O fato de as viagens terem adquirido um novo significado social e se tornado uma atividade econômica em crescente expansão no mundo ocidental oitocentista está baseado em diversas transformações sócio-culturais ocorridas na Europa. A substituição da tração humana ou animal pela máquina a vapor proporcionou aos barcos e trens maior velocidade, conforto e capacidade de transportar pessoas e bens materiais, mudando a relação do homem com o tempo e o espaço.

O avanço dessa e de outras técnicas, a migração de trabalhadores das áreas rurais para as cidades, a ascensão da burguesia e o valor que passou a ser conferido ao tempo livre - que se converteu em tempo social - geraram significativas mudanças urbanas, ocasionando o surgimento de novas atividades comerciais e o fortalecimento de setores da economia que possuíam pouca representatividade, alterando o perfil das viagens realizadas até aquele momento. Assim, essas transformações influenciaram decisivamente na consolidação do hábito de viajar, no mundo ocidental (PIRES, 2001).

No século XIX, o tipo de viagem mais conhecido e praticado pelos europeus era o *termalismo*. Os centros termais ou balneários, com fontes de águas termais ou e/ou minerais eram freqüentados por pessoas em busca de alívio para alguma enfermidade, lazer ou, simplesmente, repouso. Boa parte da clientela desses estabelecimentos também desejava entreter-se com algum tipo de recreação. Para preencher essa lacuna, os centros começaram a oferecer jogos, sendo que, em muitos deles, esse tipo de entretenimento se sobrepôs à procura pelas curas hidrotermais (REJOWSKI et al., 2002). Outros estímulos às viagens foram as exposições universais que se consagraram na Europa, na segunda metade dos oitocentos. Esses eventos, de cunho artístico e científico, atraíam um grande número de pessoas de diversas localidades, incentivando o crescimento da hotelaria e dos restaurantes.

Para acompanhar as mudanças do século XIX era preciso um novo tipo de profissional no segmento das viagens: empreendedor e carismático, que soubesse convencer os clientes potenciais de que viajar era útil e prazeroso. Os personagens que mais se destacaram nesse período foram Thomas Cook e César Ritz. O inglês Cook (1808 - 1892), então missionário batista, no ano de 1841, organizou uma excursão na qual levou 570 fiéis de sua igreja para uma viagem de ida e volta entre as cidades de Loughboroug e Leicester, para um congresso antialcoólico. O valor das passagens era inacessível para os membros da *Associação Batista*, formada, em sua maioria, por trabalhadores com poucos recursos financeiros. Para solucionar o problema, Cook negociou com os donos da *Midland Counties Railway*, garantindo-lhes que conseguiria reunir um significativo número de passageiros caso o valor dos bilhetes fosse reduzido (REJOWSKI et al., 2002).

Após essa histórica viagem, ele organizou mais três nos verões seguintes, todas com o mesmo propósito. O êxito dos quatro empreendimentos anteriores o incentivou a organizar no verão de 1845, visando também aos lucros financeiros, uma excursão para o litoral de Liverpool. Essa viagem teve um objetivo diferente das demais, pois além de ter sido aberta a todos os interessados, independente da religião, visava à recreação. Posteriormente, ele passou a ser auxiliado por seu filho e, em 1851, fundou a *Thomas Cook & Son*³.

De fato, a atitude de Cook prenunciou a figura do moderno operador de turismo, pois ele foi o primeiro profissional a estabelecer as bases das viagens organizadas: introduziu o conceito de

pacote turístico; criou o primeiro cupom de hotel (*voucher*); desenvolveu o cooperativismo entre as empresas ligadas às viagens (agências, hotéis, transportadoras, restaurantes etc.); realizou o primeiro *tour* ao Oriente Médio; criou o *traveller check* (na época chamada de *circular note*) e realizou, em 1872, uma volta ao mundo⁴, na companhia de nove pessoas, com duração de 222 dias. Como a *Cook & Son* se tornou uma empresa muito lucrativa e de grande sucesso, outras importantes agências de viagens surgiram no mercado, como a *Stangen* (1863), na Alemanha e a *Chiari* (1878), na Itália (REJOWSKI et al., 2002).

Com relação aos alojamentos, no meio hoteleiro do século XIX, o suíço César Ritz (1850-1918) foi o personagem que mais se sobressaiu, revolucionando o setor. Ele foi o responsável pela inserção de novos serviços e equipamentos nos hotéis, sendo a instalação de quartos de banho em todos os apartamentos e o oferecimento de um tratamento personalizado aos hóspedes, apenas alguns exemplos. No final dos oitocentos, Ritz dirigiu sofisticados hotéis, localizados em diferentes partes da Europa, destacando-se: O Grande Hotel de Roma, em 1893; o *Hotel Ritz de Paris*, em 1898 e o *Hotel Carlton de Londres*, em 1899 (PIRES, 2001).

Nesse período, os serviços relacionados às viagens, como os meios de hospedagem, eram incipientes no Brasil, pois o turismo ainda não existia enquanto fenômeno social e tanto a organização das viagens quanto dos serviços demandados por elas ainda não se apresentavam como atividade sócio-econômica capaz de gerar renda e melhorar a infra-estrutura básica do destino receptor. Ao longo do século XIX, as viagens foram se tornando mais constantes e ganhando uma nova dimensão, relacionadas ao poder aquisitivo e ao *status* social. Esse fato gerou pequenas mudanças no estilo de vida de algumas famílias e na mentalidade de muitos indivíduos que, a partir de então, passaram a vislumbrar outras paisagens e novos comportamentos sociais.

O panorama da história das viagens na Europa aponta para a investigação do modo como esta atividade sócio-econômica se desenvolveu no Brasil, encontrando-se associada às motivações, aos meios de transporte, à hospedagem e à gastronomia. No século XIX, o Brasil não ficou alheio a essas mudanças comportamentais, passando a se constituir em destino para os mais diversos tipos de viajantes, com seus variados objetivos.

A transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808, e a abertura dos portos às nações amigas resultaram em fatos que incentivaram a vinda de estrangeiros às terras brasileiras, pois até então as viagens ao país eram incipientes, visto que a Metrópole havia proibido a entrada de estrangeiros, visando resguardar o território e garantir o monopólio de exploração e comércio. Esses acontecimentos, além de marcos no processo de emancipação política, apontaram o início de novas relações comerciais e culturais, influenciando sobremaneira no desenvolvimento urbano das principais cidades brasileiras (OLIVEIRA, 1990).

Posteriormente, no II Reinado, o governo brasileiro passou a apoiar viagens de cunho científico, apesar de normalmente não ser o principal financiador dos empreendimentos. Vale ressaltar que, nesse período, o Brasil começou a participar de forma mais efetiva do processo de mundialização da ciência. Além disso, o Imperador D. Pedro II, preocupado em criar uma identidade para o Brasil e visando ao seu desenvolvimento (que deveria seguir os moldes dos países europeus), investiu na divulgação da imagem externa do país, que passou a ser “cuidadosamente construída” (SCHWARCZ, 2002, p.31). Não foi à toa que o Brasil esteve presente em várias exposições universais, sendo elas: 1862, em Londres; 1867, em Paris; 1873, em Viena; 1876, na Filadélfia e 1889, em Paris. Dessa forma, o país passou a ser apresentado como *novo*, na tentativa de sobrepor a imagem de moderno e civilizado à de país repleto de matas e “selvagens” (SCHWARCZ, 2002).

2 Motivações para as viagens ao Brasil

No decorrer dos oitocentos, a ciência, a psicologia e a história natural estavam em voga na França (considerada o centro da civilidade). Desse modo, surgiu nesse e nos demais países europeus uma tendência às viagens, prática que inspira conhecimento, aventura, coragem, determinação, crescimento econômico e cultural. Ademais, esse século foi marcado pelos ideais românticos, que assinalaram novas motivações para as viagens: a contemplação da natureza e a necessidade de descanso.

Grande parte dos viajantes que estiveram no Brasil oitocentista estava participando de expedições científicas que visitariam diversos países. Entre esses pesquisadores destacaram-se geólogos, botânicos, zoólogos, etnólogos e mineralogistas. Na maioria dos casos, eles desejavam completar pesquisas já iniciadas em seu país de origem. No entanto, apesar de os naturalistas representarem a maioria, eles não foram os únicos estrangeiros a aportar em terras brasileiras. Muitos artistas, jornalistas, missionários religiosos, representantes diplomáticos, comerciantes, técnicos, engenheiros, médicos, educadores, profissionais liberais, pessoas com a finalidade de visitar parentes e aventureiros estiveram no Brasil a trabalho ou a passeio (PIRES, 2001).

Outros indivíduos vieram ao país com a intenção de escrever sobre a experiência da viagem para publicá-la. Nesse período, o gênero de aventura estava em voga na Europa e os jornais e as editoras se interessavam pelos relatos de viagem, já que havia grande interesse por parte do público nesse tipo de literatura. Essa produção, muitas vezes, mesclava o interesse acadêmico-científico com a intenção de difundir e legitimar o expansionismo econômico e político-militar de países europeus, especialmente da Grã-Bretanha, ou possuía o intuito de fornecer informações a respeito da colonização e da imigração européia (AUGEL, 1980).

Até o século XIX, muitas pessoas se deslocavam de suas cidades com a finalidade de visitar locais com supostos poderes curativos, realizar peregrinações religiosas ou transações comerciais. Contudo, nesse período, é sabido que esses deslocamentos raramente tinham como principal objetivo o repouso, a recreação ou a curiosidade de conhecer novos lugares, o que atualmente chamamos de *turismo de lazer*.

Entre os exemplos de viajantes oitocentistas que mais se assemelharam a um turista moderno, que viaja motivado pelo prazer, encontram-se, dentre outros: O Francês Antoine Dugrivet, que esteve no Brasil entre dezembro de 1832 e julho de 1833 e permaneceu pouco mais de um mês na Bahia, considerando a viagem um “passeio sentimental”. Contudo, esse “*homme du monde*”, como se auto-intitulava, declarou ter anotado e organizado suas impressões com o intuito de publicá-las (AUGEL, 1980).

O Conde de Suzannet, que esteve no Brasil entre 1842 e 1843 e passou algumas semanas na Bahia, no último ano, declarou que após o desgosto e a decepção política de ver a queda dos Bourbons, com a Revolução de Julho, a quem sua família estava ligada, a vida na França tornou-se tediosa. “Era jovem, independente e livre; por isso não tardei em me aborrecer com a vida inativa e monótona que levava, e deixei a França para completar minha educação, visitando países estrangeiros” (SUZANNET, 1957, p. 13).

O zoólogo prussiano Hermann Burmaister veio ao país em 1850 com a finalidade de realizar pesquisas científicas, mas, no prefácio de sua obra, diz que seu principal objetivo era fazer uma excursão de recreio que lhe mostrasse coisas novas. A francesa Louise Bourbonnaud, em 1886, realizou uma viagem pelas Américas e pelas Antilhas, passando um dia na Bahia, com o objetivo de instruir-se e conhecer lugares diferentes, já que vivia só e a vida lhe parecia monótona. No mesmo ano, o diplomata francês Henri Allizé efetivou uma viagem de recreação ao Brasil, que durou dois meses e o pastor protestante alemão Henry Schwieger, em 1896, afastou-se de sua atividade laboral por motivos de saúde e, sendo-lhe aconselhado realizar uma viagem marítima, decidiu-se pela América do Sul, permanecendo três dias na Bahia (AUGEL, 1980).

Muito surpreendente é a história da austríaca Ida Pfeiffer⁵ que, após tornar-se viúva, com as economias que guardara durante vinte anos, efetuou uma série de viagens a outros países, algo que sempre desejara fazer. Ela esteve no Brasil em 1846, aos 51 anos, na sua primeira viagem ao redor do mundo. Quanto ao prazer que o ato de viajar lhe proporcionava e ao significado que isso possuía em sua vida, Pfeiffer declarou:

Assim como o pintor se empenha em reproduzir a imagem e o poeta em formular seus pensamentos, eu me empenho em ver o mundo. Se as viagens foram o sonho da juventude, as lembranças do que vi farão o encanto da velhice. [...] Talvez haja quem pense que a vaidade foi a única razão para uma viagem tão longa. Nada tenho a responder, apenas o desafio a fazer o que fiz; então não de se convencer de que, para se expor de coração leve a tais privações e perigos é preciso estar animado da paixão autêntica pelas viagens e ter o invencível desejo de se instruir e explorar países até agora desconhecidos (PFEIFFER apud LEITE, 1997, p. 43).

Entender os objetivos das viagens é a peça-chave para apreendermos sua significação. Afinal, o que motivou esses sujeitos a sofrerem privações; passarem por diversos obstáculos em terra; atravessarem o Atlântico (já que a maioria vinha da Europa); passar cerca de três meses em um transporte marítimo - apesar do vapor, suas condições ainda eram precárias - e a travarem contato com pessoas de hábitos e idiomas diferentes dos seus?

A inglesa Maria Graham, quando esteve no Brasil, já era adepta das viagens internacionais. Em meados de 1821, deixou a Inglaterra com destino à América do Sul acompanhando seu marido, que capitaneava a fragata *Doris*. A bordo, Maria Graham exerceu a função de professora, ministrando aulas para o grupo de guarda-marinhas que estava na fragata, todos realizando uma viagem de aprendizado. A viajante passou duas vezes pela Bahia, primeiro, em 1821, onde permaneceu por 53 dias, e, depois, em 1822. Ela exerceu a função de governanta da Princesa D. Maria da Glória, no ano de 1824, morando por um tempo na Corte, mas retornou para seu país em 1825. Maria Graham, que também era escritora, provavelmente tinha o interesse em publicar as impressões que ia anotando a respeito do Brasil. Antes de vir ao país ela já havia publicado cinco livros, tendo escrito um total de 18 obras ao longo da carreira, sendo algumas delas narrativas de viagens (GRAHAM, 1956).

Robert Christian Berthold Avé-Lallemant era de nacionalidade alemã e médico de formação. No Brasil, interessou-se, sobretudo, pela condição de vida dos colonos alemães. Indignado com algumas situações que presenciou nas colônias, seu relato ganhou tom de denúncia, de modo que ele procurou defender os interesses dos imigrantes junto às autoridades brasileiras e de seu país, suplicando-lhes ajuda. Denunciou “o comércio de carne” estabelecido entre Brasil e Alemanha e tentou alertar seus compatriotas quanto ao caráter enganoso das propagandas que circulavam em seu país sobre a situação dos imigrantes. Apesar de ser médico e haver demonstrado interesse por diversas áreas da ciência, não era um naturalista. Apresentou seu diário como uma “[...] narração dum médico de hospital, que nunca teve pretensões ao nome de naturalista, seja zoólogo, botânico ou mineralogista” (AVÉ-LALLEMANT, 1961, p.7). O médico ficou no Rio de Janeiro, de onde seguiu sozinho para uma viagem ao sul do país. Depois, partiu para a Bahia, no ano de 1858 e, segundo suas próprias palavras, já havia estado na cidade em fevereiro de 1855.

Ferdinand Maximilian von Habsburg, mais conhecido como Maximiliano da Áustria, foi o viajante mais célebre que passou pela Bahia na década de 1860. O arquiduque chegou ao Brasil pela Bahia, em janeiro de 1860, a bordo da corveta austríaca *Elizabeth*. De Salvador se deslocou para Ilhéus e posteriormente seguiu para o Rio de Janeiro. Em seguida, dirigiu-se para o Espírito Santo e voltou para a Bahia, para depois, seguir em direção a Pernambuco.

Maximiliano, que não era naturalista de profissão, mas estava vinculado a instituições científicas, não perdeu a oportunidade de pôr em prática seus conhecimentos, durante um passeio realizado no Dique, em Salvador:

Eu, como o mais jovem e mais impaciente, era também o primeiro do nosso grupo – o pioneiro - na ânsia de aprender. Com verdadeiro grito de júbilo e deslumbramento triunfantes saudei a maravilha mais perfeita do mundo animal que aqui se nos apresentava. Seria uma alucinação? Ou ilusão de ótica provocada pelo cansaço? E, no entanto, não era sonho; era aquele pássaro encantador, que considero o primeiro entre todos os seres vivos alados da terra. Os rudes brasileiros, com sua tendência realista, chamam-no Sangue do boi, em alusão à sua cor. Sua etiqueta científica é *Rhamphopsis brasilicus* (HABSBURGO, 1982, p. 102).

Jean Louis Rodolph Agassiz visitou o Brasil de 1865 a 1866, juntamente com sua esposa, Elizabeth Cary Agassiz e com a comitiva científica que chefiou, composta de aproximadamente quinze pessoas. O naturalista suíço, naturalizado norte-americano, desde a infância nutria o desejo de conhecer o Brasil, vislumbrando a oportunidade ideal para realizar esse sonho quando seu médico lhe recomendou que mudasse de clima.

No correr do inverno de 1864-1865, minha saúde ficou tão abalada que os médicos me recomendaram abandonar todo trabalho e mudar de clima. Foi-me proposta uma viagem à Europa; mas o interesse que um naturalista deveria sentir em se achar de novo no meio do ativo movimento científico do Velho Mundo constituía justamente um obstáculo. Não era aí que deveria procurar repouso para o espírito (AGASSIZ, 1975, prefácio).

Para transformar a viagem de recreio e saúde em uma expedição científica, Agassiz foi patrocinado pelo mecenas norte-americano Nathaniel Thayer que, sabendo das intenções do cientista, custeou a expedição, que recebera o nome de *Thayer* em sua homenagem.

Apesar dos objetivos científicos, o sonho do menino Agassiz de conhecer o Brasil, não pode ser deixado de lado em detrimento dos seus anseios científicos. “[...] eu era atraído para o Brasil por um desejo de quase toda a minha vida”, o que se tornara “[...] um projeto sempre adiado, por falta de ocasião oportuna, mas nunca abandonado” (AGASSIZ, 1975, prefácio). Quanto aos objetivos, ainda comentou:

[...] eu recuava ante a idéia de só realizar uma simples visita de turista ao Brasil. Reduzido apenas aos meus recursos, que partido poderia tirar das mil oportunidades que se ofereciam? Bem fraco, sem dúvida. Voltaria do Brasil rico em recordações agradáveis, mas sem um só resultado científico importante (AGASSIZ, 1975, prefácio).

O naturalista, que se interessava primordialmente por geologia, paleontologia, zoologia e etnologia, tinha um bom relacionamento com D. Pedro II, sendo o próprio Imperador do Brasil um benfeitor das ciências.

Uma circunstância particular aumentava o atrativo dessa viagem. O Imperador do Brasil, que se interessa profundamente por todos os empreendimentos científicos, havia testemunhado viva simpatia pela obra a que eu me consagrara, ao fundar nos Estados Unidos um grande Museu zoológico, cooperara mesmo para isso, enviando coleções feitas por ordem sua expressamente para esse fim. Sabia eu, portanto, que poderia contar com a benevolência do soberano desse vasto Império para tudo o que dissesse respeito aos meus estudos (AGASSIZ, 1975, prefácio).

Os naturalistas, a exemplo de Agassiz, lançaram-se a regiões pouco conhecidas com o objetivo de “fazer ciência”, devendo analisar detalhadamente as características da natureza e dos habitantes dos locais visitados. Assim, não se esperava desses agentes históricos apenas relatos de aventuras, mas sim impressões com valor científico, organizadas a partir de uma metodologia

específica de observação e coleta, utilizadas para a construção e hierarquização sobre o meio natural e as sociedades humanas (GUIMARÃES, 2000).

Os viajantes do século XIX, cientistas ou não, geralmente escreviam a respeito das belezas naturais, das diferenças geográficas e sócio-culturais das localidades visitadas e do cotidiano dos que aqui viviam. Eles costumavam descrever tudo o que consideravam exótico e pitoresco, sendo as características dos índios, a vida dos escravos e as relações inter-raciais alguns dos assuntos mais comentados.

Ao regressarem a seus países, tornavam-se mais valorizados, pois o saber adquirido durante a viagem, por meio das experiências vivenciadas e da observação *in loco*, conferia-lhes prestígio, até mesmo porque a maioria dos intelectuais pesquisava nos gabinetes, sem ter a oportunidade de realizar pesquisas de campo.

Além disso, a viagem poderia ser um meio para o indivíduo ascender social e economicamente, através de prêmios e recompensas oferecidos por instituições científicas na forma de pensão do Estado; cargos e títulos honoríficos em entidades científicas de renome; ou através da venda dos elementos naturais coletados durante a viagem, para colecionadores ou “cientistas” que se encontrassem numa posição mais privilegiada. Tal fato nos mostra que o objetivo desses deslocamentos, em muitos casos, estava atrelado a recompensas materiais, mas também simbólicas, que seriam auferidas após o retorno desses atores sociais a seus países de origem (OLIVEIRA, 1990).

Desse modo, ter a oportunidade de viajar, contemplar a paisagem dos trópicos e manter contato com outros povos era um fator de distinção, afinal, apenas um grupo de estrangeiros tinha a oportunidade de viajar para o exterior. Os viajantes que estiveram no Brasil dos oitocentos se destacavam socialmente, mas havia, mesmo entre eles, uma heterogeneidade que os hierarquizava subjetivamente, posto que esses sujeitos se distinguiam através de fatores como: sexo, profissão, nacionalidade, situação econômica e, no caso dos pesquisadores, agente financiador. De acordo com Bourdieu (1974, p.17) “[...] nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas (ou o aspecto simbólico das ações) nada significam além delas mesmas: na verdade elas exprimem sempre a posição social segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a lógica da distinção”.

O fato de os viajantes que vieram à Bahia nem sempre pertencerem à mesma classe social e possuírem os mesmos objetivos, resultou em uma heterogeneidade de interpretações e juízos de valor feitos por eles. Ademais, como esses visitantes não faziam parte da sociedade local, já vinham ao país com uma idéia pré-concebida sobre esse. Muitos também tinham dificuldade para entender o idioma e tiveram um contato mais próximo apenas com estrangeiros ou indivíduos mais abastados, com costumes “europeizados”. Assim, diversos viajantes estrangeiros narravam os fatos observados (aqueles considerados mais relevantes) sem contextualizá-los, o que acarretava em generalizações e imagens distorcidas.

Essa observação nos mostra o quão importante se faz uma abordagem crítica no que concerne à análise desse tipo literatura, até mesmo porque nesse período o relato de viagem “[...] constitui-se um exercício de observação que não inclui a discussão do lugar do olhar” (LEITE, 1996, p. 98).

Os relatos das viagens ao Brasil eram publicados, em sua maioria, no país de origem dos autores, sendo lidos em língua estrangeira entre os intelectuais brasileiros. Trata-se de uma minoria as obras publicadas no Brasil ainda nos oitocentos. As que tiveram essa sorte entraram em circulação no país, com tradução para o português, após a Independência, recebendo maior estímulo com a criação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a gestão de D. Pedro II. Contudo, várias obras foram traduzidas para o português e publicadas no Brasil apenas no século XX (OLIVEIRA, 1990).

3 A hospedagem na Bahia oitocentista

Na primeira década do século XIX, no que tange à hotelaria, sabe-se que no Brasil havia apenas estalagens, apesar da palavra *hotel* já começar a ser utilizada (PIRES, 2001). As instalações hoteleiras situadas na Bahia, até meados dos oitocentos, eram consideradas de má qualidade. Muitos viajantes que deixaram por escrito seus testemunhos de viagem, teceram comentários acerca dos serviços de hospedagem, a exemplo do navegador mercantil inglês Thomas Lindley⁶ (1969, p. 175) que, no ano de 1803, documentou:

A Bahia está miseravelmente desprovida de acomodações para os estrangeiros, e não se conhece uma única hospedaria. Quem quiser residir temporariamente na praia, não terá outra alternativa salvo a de alugar uma casa, toda ela ou em parte, mobiliá-la, o que se consegue com facilidade, sendo amplamente suficiente algumas cadeiras, arcas e uma mesa, tudo de boa qualidade. As casas de pasto distinguem-se por uma bandeira tricolor, no alto das portas: mas são de uma inconcebível sujeira, e a cozinha é tão horrorosa que uma cela de *Saint Gilles* é muito preferível. São inúmeros os cafés. Existem em todas as ruas, desde que se possa conferir a dignidade desse nome a uma casa suja, em cuja parte da frente se alinham algumas mesas e bancos, havendo, nos fundos uma espécie de bar. E nelas se distribui um líquido nojento, denominado café, que se torna ainda mais repelente à vista do fato de ser servido em copos. Todas as manhãs, esses lugares ficam apinhados de gente de todas as classes, pessoas respeitáveis e o vulgo, que consegue fazer uma primeira refeição por quatro vinténs: consiste num copo de café e um pãozinho com manteiga irlandesa, rançosa, refugio do mercado de Lisboa.

O francês Antoine Dugrivél, assim que chegou na cidade, em 1832, procurou um alojamento para hospedar-se, encontrando um único hotel, chamado *Universo*, no qual não havia mais vagas. Sugeriram-lhe, então, que fosse ao teatro, onde comumente alugava-se quartos para estrangeiros (VERGER, 1999). Por sua vez, o médico e botânico inglês George Gardner, ao chegar a Bahia, em 1837, registrou a seguinte queixa:

[...] fomos a um grande hotel em frente ao teatro, onde nos alojamos por esta noite; mas com leitos sem conforto, com o ruído e com o tinir ainda mais alto de dólares em um aposento bem em baixo do nosso, até quase quatro horas da madrugada, nosso repouso da noite não foi dos mais revigorantes (GADNER apud VERGER, 1999, p. 124).

No ano de 1843, tanto o Conde de Suzannet (1957, p. 189) quanto o inglês James Wetherell teceram comentários a respeito dos meios de hospedagem: “Não podia conformar-me com os albergues da Bahia, que são de uma sujeira repugnante” declarou o primeiro, ficando muito contente ao aceitar o convite do cônsul francês para que se hospedasse em sua casa, situada na Vitória⁷. “Os hotéis são execráveis, tratando-se mais de restaurantes com salas de bilhar do que lugares destinados a fornecerem acomodações aos viajantes”, foi a reclamação feita pelo segundo (WETHERELL apud AUGEL, 1980, p.156).

Avé-Lallemant, em 1858, antes de partir de Salvador com destino a Caravelas, no interior, deixou sua bagagem no “pequeno *Hotel Inglês*”. Ele regressou quatro meses depois, quando foi informado de que seus “bons e simples hospedeiros” haviam se mudado. Depois de muito procurá-los, encontrou-os “na longínqua Rua das Mangueiras, perto da nova via férrea” (AVÉ-LALLEMANT, 1961, p. 272). O médico europeu ficou admirado e contente por seus hospedeiros terem guardado, cuidadosamente, por tanto tempo, toda sua bagagem, que incluía pedras e frutos, além de terem demonstrado preocupação por sua prolongada ausência.

Na segunda metade do século, o Príncipe Maximiliano da Áustria, em passagem pela cidade da Bahia, em 1860, instalou-se, primeiramente, no terraço de um café-restaurant localizado no

Largo do Teatro. Sobre essa experiência, na qual também se pode observar o quanto o comportamento do viajante estava imbuído de racismo, ele declarou:

É humano, depois de todo o encantamento, sentirmos necessidade de alimentar, materialmente, a chama do entusiasmo. Daí passarmos os olhos a nossa volta, à procura de um Hotel. Segundo informações vagas recebidas ainda a bordo, descobrimos pelos letreiros, numa transversal, algo semelhante a um restaurante. Pequenas mesas, imagens obrigatórias de romances franceses, e até algo semelhante a um cardápio indicaram-nos que devíamos nos encontrar numa fábrica de comida. Por toda a parte, reinava um completo silêncio, que oprimia o estômago. Não apareceu viva alma para nos servir [...] Finalmente, já dávamos vasão à nossa impaciência, quando apareceu, como almas extenuadas saídas do túmulo, uma corja mulata, das mais diversas tonalidades que, evidentemente, acabava de fazer uma sesta lerda. Mas, nesse momento, começaram os apuros: na nossa impensada vertigem de alegria, não tínhamos levado conosco nenhum conhecedor de línguas, e nenhum de nós até agora entendia a língua selvagem. Além disso, as pessoas faziam uma cara fechada e aborrecida, esquecendo-se de que estavam ali para servir o público. Por fim, num ataque de triste melancolia, balucei: chá, chá! Tal palavra, que tinha lido nas tabuletas de Lisboa, ajudou a provocar um lampejo na pouca inteligência das extenuadas criaturas, e outros sinais extraídos da linguagem dos macacos produziram algum efeito. Finalmente, apareceram miniaturas de xícaras com um chá ralo, açúcar pisado, marrom como a poeira da rua, e até uma espécie de bife, mas que, por ser tão duro, devia ter sido importado, há meses, da Inglaterra. Meus pobres dentes não conseguiram mastiga-lo (HABSBURGO, 1982, p. 88-89).

Posteriormente, o príncipe austríaco se dirigiu ao *Hotel Frévrier*⁸, também situado no Largo do Teatro. Nesse estabelecimento ele vivenciou uma experiência totalmente diferente, pois foi muito bem atendido e pôde apreciar uma comida que considerou deliciosa.

Mas, aqui, estávamos no seio de Abraão: água gelada deliciosa, as frutas mais maravilhosas e, nas refeições que se preparavam, os pratos mais saborosos, adequados ao clima, através de grandes quantidades de condimentos. Tudo preparado com carinho e de forma bastante convidativa, um serviço cortês e fino, moldes europeus [...] (HABSBURGO, 1982, p. 91).

O inglês William Scully, que visitou a Bahia por motivos comerciais, identificou, no ano de 1866, um hotel “muito bom”, localizado na Calçada, dirigido por um conterrâneo seu. O jornalista Armand Goegg, que viera da Alemanha no ano de 1880, disse ter encontrado um bom alojamento dirigido por um alemão, o *Hotel Muller*. E a viajante francesa Louise Bourbonnaud, que passou por Salvador em 1885, escreveu que após o desembarque subiu de elevador para a Cidade Alta e se dirigiu ao *Hotel de France*, surpreendendo-se com o fato de não encontrar ali ninguém que falasse francês (AUGEL, 1980, p. 110).

A Princesa Therese da Baviera, que esteve no Brasil em 1888, a fim de passear, realizar estudos científicos e coletar plantas e animais para ampliar sua coleção particular, quando visitou Salvador, hospedou-se em um alojamento que identificou como “uma espécie de pensão” (VON BAYERN, 1897, p. 225). Para fazer suas refeições, deslocava-se para a Cidade Baixa, considerado um local sujo e desordenado pelos viajantes. Therese, além de ser proveniente da Europa, era mulher e membro da nobreza, sendo difícil encontrar na Bahia da época um alojamento que suprisse as necessidades e expectativas de um ator social com essas características.

No fim do século XIX, em 1895, o botânico alemão W. Detmer, logo que chegou a cidade, optou pelo “*Hotel Sul-Americano* [...] em frente ao *Hotel Paris*, sendo melhor que este último... e ambos na cidade alta” (DETMER apud AUGEL, 1980, p.193). Contudo, apesar de inicialmente ter se hospedado em um hotel, posteriormente, ele aceitou a hospitalidade do Sr. Weber,

representante da casa comercial *Ottens*, dirigindo-se para a residência do seu anfitrião (DETMER apud AUGEL, 1980, p. 193).

Na verdade, muitos estabelecimentos que se intitulavam hotéis eram, na realidade, restaurantes ou cafés, que serviam pratos finos à moda francesa e dispunham de cômodos para receber viajantes, mas de forma amadora e espontânea (DETMER apud AUGEL, 1980).

O aumento de anúncios em jornais, principalmente a partir da segunda metade do século, ofertando serviços relacionados à hotelaria, mostram que o afluxo de viajantes que aportavam na Bahia acarretou na multiplicação das necessidades de equipamentos e prestação de serviços. Os hotéis passaram a oferecer outros serviços e a agregar novos valores. Além dos aspectos ligados a pernoite, os estabelecimentos mais luxuosos possuíam cozinha francesa (visando também ao público externo) e banhos de propriedade terapêutica⁹, como se observa no anúncio abaixo, publicado no *Alabama*, de 12 de maio de 1879, anno XVII, n. 83:

HOTEL 25 DE DEZEMBRO EM ITAPAGIPE

A Rua do Rosário

Este estabelecimento acha-se preparado com aceio e tem constantemente comidas variadas, doces e bebidas de todas as qualidades. Para receber com decência as famílias e mais pessoas de consideração tem sala especial, assim com quartos mobiliados para as que quiserem tomar banhos salgados. No mesmo estabelecimento tem um bilhar de primeira qualidade, em sala especial. Tudo por preços commodos.

Tendo a companhia Vehiculos Economicos feito baixar para 100rs. O preço das passagens de bonde do Bonfim a Itapagipe, por esse motivo nos dias de sexta-feira e domingos a hospedaria estará completamente abastecida de um tudo e reforçada de um pessoal excelente, afim de poder satisfazer com agrado e presteza a todos quanto a honrarem com sua freguezia.

Os hotéis ainda ofereciam jogos, a exemplo do bilhar, e organizavam bailes de máscara. O jornal *O Século*, de 7 de fevereiro de 1850, anno 3, nº 193, p. 4, publicou:

“BAILE MASCARADA: Ferraro e C^a previnem ao respeitável público, que nos dias 9 e 11 do corrente haverá baile mascarado no Hotel de S. João e os bilhetes achao-se à venda no mesmo hotel”.

No jornal baiano *O Interesse Público*, de 6 de dezembro de 1860, anno 1, nº 13, p.4, encontra-se o seguinte anúncio:

ATENÇÃO, RAPASIADA DO BOM GOSTO.

Domingo 9 de dezembro he a abertura do Hotel Garibaldi na casa do finado João Adrião Chaves na estrada da Valla. De manha haverá uma bella maniçoba e outras mais iguarias, a tarde haverá o bello devirtimento (sic) das bochas a italiana e outros devirtimentos; assim como o bom café pelo novo modelo da máquina em circulação.

Até mesmo uma propaganda de hotel redigida em inglês (com erros gramaticais), foi encontrada na seção de anúncios do periódico baiano *Jornal da Tarde*, de 12 de abril de 1860, anno 1, nº 35, o que sugere a intenção do proprietário de atrair hóspedes ingleses e norte-americanos:

HOTEL BAIANO.

N.11-LADEIRA DA GAMELEIRA

The proprietor of this hotel so advantageous ly situated in a commanding eminence begs

leave to inform the public, that in this establishment may be found well furnished rooms and saloons, properly ventilated. The greatest activity and cleanliness reigns throughout all. The charges are moderate.

Ao longo dos oitocentos, especialmente a partir da segunda metade do século, os meios de hospedagem começaram a melhorar seu aspecto visual e a receber investimentos com o propósito de oferecer maior conforto e bom atendimento aos hóspedes. Alguns dos serviços oferecidos no *Hotel Do Commercio* podem ser observados em um anúncio publicado no periódico *O Século*, em 13 de agosto de 1850 ano 3, nº 260, p. 3:

Em Santa Bárbara, fronteira à botica do Sr. Seixas, haverá todas as manhãs sob a direção do insigne cosinheiro o Sr. João Nepomoceno, e de uma senhora, o bello chocolate, café com sete annos de collete (sic), excellente chá, mingaos de araruta, farinha de trigo, tapioca, compostos de leite e ovos; e também a qualquer hora achar-se-há as preparações substanciais, em famosa geléia para quem soffre debilidades. Das 2 horas em diante haverá a bella sôpa de todas as massas, cozido e assados de todas as espécies, peixes preparados por diversas maneiras e ao gosto dos freguezes, assim como prepara-se com um só perú três ricos pratos, e figurando em um o perú inteiro. Recebe-se também encomenda para jantares de qualquer que seja o número das pessoas, com o maior aceio possível, bem como preparao-se assados para banquetes e bailes, e todas as qualidades de massas para chá, tudo com a maior promptidão. Haverá nas quintas-feiras e domingos a bella mão-de-vaca; e nas segundas-feiras a cabeça de vitella, o pastellão apellidado Andreas, composto com mariscos ou carnes. Também o rico carurú e vatapá, à moda da Cachoeira. As pessoas que quizerem honrar ao abaixo assignado, com sua freqüência no mesmo hotel, serão tratadas com toda atenção e desvello, que estiver ao alcance do anunciante; assim como promete prestar o mesmo seo copeiro, Sr. João Nepomoceno para qualquer baile quando forem os arranjos feitos no Hotel annunciante.

Por sua vez, o proprietário do *Hotel das Nações* anunciou, em 15 de novembro de 1881, os principais pratos servidos no seu estabelecimento, nos quais incluíam-se: sopas, canjas, filé à francesa, filé à italiana, peixe ensopado, rim à portuguesa, assado de vitella, frango de molho pardo, ostras cruas e diversas sobremesas, tais como: panqueca, omellete sucrée, doce de limão e frutas.

Quanto à comida servida nesses locais, verifica-se que, de modo geral, nas primeiras décadas do século, havia pouca variedade de alimentos e o seu preparo era feito de forma descuidada, não existindo a preocupação em agradar o cliente, seja pelo sabor do alimento ou pela estética do prato. Esse fato ocorria por diversos fatores, como a precariedade do abastecimento¹⁰, que era deficiente até mesmo nas cidades mais urbanizadas, e pelos padrões comportamentais ligados aos serviços e aos costumes “à mesa”, que se diferenciavam dos praticados pela maioria dos estrangeiros.

No entanto, a partir da segunda metade do século XIX, diversos cafés e restaurantes foram instalados em Salvador. Assim, a sofisticação dos hábitos gastronômicos se desenvolveu de forma gradual, juntamente com a criação de novos espaços de sociabilidade, alterando hábitos de consumo e de lazer da sociedade baiana.

Os hotéis e restaurantes - levando-se em conta que muitos funcionavam no mesmo local e faziam parte de um mesmo estabelecimento - desempenhavam um variado papel na vida urbana. Nos salões desses espaços semiprivados, era possível, por exemplo, organizar banquetes, marcar encontros amorosos e discutir atividades políticas, enquanto se saboreava uma bebida e/ou uma refeição.

Em Salvador, havia um extenso comércio que fazia parte da dinâmica das viagens. Na edição de 20 de março de 1844, do jornal baiano *O Commercio*, apareceu um anúncio do *Almanach*

Civil Político e Comercial da Cidade da Bahia para o ano de 1845, nos seguintes termos: “[...] dedicado ao respeitável corpo de commercio d’esta província. Esta obra he de bastante interesse não só aos habitantes d’esta província, como também aos estrangeiros que aportam a esta capital [...]”. A criação do almanaque, em meados do século, tinha o objetivo de atingir não apenas os comerciantes e consumidores residentes na cidade e no país, mas também os sujeitos vindos do exterior. Por meio desse e dos demais exemplos, é possível constatar que a cidade da Bahia era visitada por diversos estrangeiros e que eles possuíam representatividade no mercado consumidor, fato que não passou despercebido pelos comerciantes baianos.

4 Conclusão

Na maioria das obras relacionadas ao desenvolvimento do turismo nacional, as viagens são analisadas a partir do século XX. Na Bahia, os pesquisadores e professores de Turismo acompanham essa mesma cronologia, sendo a década de 30 do século XX um marco no turismo baiano devido à construção do *Palace Hotel*, em 1934, considerado o primeiro alojamento hoteleiro de luxo da Bahia¹¹, e da institucionalização da atividade turística no Estado - a Seção de Turismo da Diretoria do Arquivo Público e Divulgação (DAD). Ainda assim, na primeira metade do século XX a atividade turística realizada no Estado era bastante incipiente, só obtendo maior relevância a partir de 1970 (QUEIROZ, 2002).

Entretanto, para se obter uma melhor compreensão de como a atividade turística se desenvolveu e vem sendo praticada na Bahia é preciso investigar suas origens, quando o turismo de massas ainda não se constituía uma realidade da sociedade ocidental. Os visitantes utilizavam serviços de hospedagens e alimentação, dentre outros. Além disso, normalmente eles agregavam à viagem momentos de lazer, tais como passeios, piqueniques, bailes, saraus e outros eventos.

Diversos estrangeiros estiveram no Brasil, no decorrer do século XIX, a partir do momento em que os portos brasileiros foram abertos às demais nações. O país, visto como jovem, exótico, de paisagens naturais exuberantes e “raças misturadas”¹² despertava a atenção dos estrangeiros e povoava sua imaginação. Os viajantes oitocentistas que estiveram na Bahia formavam um grupo heterogêneo, que possuía motivações e objetivos variados. Normalmente, eles nutriam mais de um tipo de interesse, de modo que suas motivações se entrelaçavam. Em muitos casos, a viagem possuía um viés científico-pedagógico e recreativo.

Nem todos os viajantes que vieram a Salvador e deixaram relatos escritos fizeram menção ao que tange à oferta de acomodações e, muitos, nem sequer citaram o local onde estiveram hospedados. Contudo, entre os estrangeiros que registraram comentários sobre o tema e que estiveram na cidade até meados do século XIX, as críticas foram, em sua maioria, negativas, referindo-se sempre a pouca oferta de alojamentos ou a falta de qualidade desses. Porém, a partir da segunda metade dos oitocentos, apesar de muitos visitantes ainda criticarem os meios de hospedagem, observa-se que alguns teceram elogios aos hotéis e aos hoteleiros que lhes acolheram. Em outros casos, apesar da ausência de elogios, eles registraram que, ao menos, puderam optar entre dois ou mais estabelecimentos.

A realização dessas viagens resultou na instituição de novas formas de sociabilidade entre os viajantes e a população local, ajudando a criar uma rede de serviços relacionada às viagens e ao lazer em uma das cidades que, muito antes do surgimento do turismo de massa, já possuía uma forte característica de internacionalidade, sendo uma das mais visitadas do Brasil.

Referências

- AGASSIZ, L.; AGASSIZ, E. C. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.
- AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagens pelo norte do Brasil no ano de 1859**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura, 1961.
- AUGEL, M. P. **Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista**. São Paulo, Cultrix; [Brasília]: INL, 1980.
- BOURDIEU, P. Condição de Classe e Posição de Classe. In: **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- GRAHAM, M. **Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma Estada neste país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. São Paulo: Ed. Nacional, 1956.
- GUIMARÃES, M. L. S. História e Natureza em Von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a Nação. In: **Histórias, Ciências, Saúde, Manguinhos**, v. II, 389-410, jul.-out., 2000.
- HABSBURGO, M. de. **Bahia 1860: esboços de viagem**. Rio de Janeiro/Bahia, Tempo Brasileiro/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.
- JORNAL DA TARDE**. Salvador, ano 1, n. 35, abr. 1860.
- LEITE, I. B. **Antropologia da Viagem**. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- LEITE, M. L. M. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- LIESELLOTE, O. H. **Alimentação Através dos Tempos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.
- LINDLEY, T. **Narrativa de uma Viagem ao Brasil**. São Paulo, Cia Editora Nacional, vol. 343, 1969.
- O COMMÉRCIO**. Salvador, MAR. 1844.
- O INTERESSE PÚBLICO**. Salvador, ano 1, n. 13, p. 4, dez. 1860.
- OLIVEIRA Fo, J. P. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: OLIVEIRA Fo, J. P. (org.). **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero/ UFRJ, 1990.
- O SÉCULO**. Salvador, ano 3, n. 193, p. 4, fev. 1850.
- O SÉCULO**. Salvador, ano 3, n. 260, p. 3, ago. 1850.
- PIRES, M. J. **Raízes do Turismo no Brasil**. Hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX. Barueri: Manole, 2001.
- QUEIROZ, L. A. **Turismo da Bahia: estratégias para o desenvolvimento**. Salvador: EGBA, 2002.
- REJOWSKI, M. (org.). **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo: ALEPH, 2002.
- SCHWARCZ, L. M. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- SUZANNET. **O Brasil em 1845**. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957.
- VERGER, P. **Notícias da Bahia – 1850**. Salvador: Corrupio, 1999.
- VIGARELLO, G. **O Limpo e o Sujo: uma história da higiene corporal**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VON BAYERN, T. P. **Meine Reise in den brasilianischen Tropen**. Berlin: Verlay von Dutrich Reimer, 1897.

Notas explicativas

- 1 No artigo, Bahia é usada para designar a cidade do Salvador, pois, na época, ela era comumente chamada de Cidade da Bahia.
- 2 In the article, the expression Bahia is used to designate the city of Salvador, which was, at that time, usually called city of Bahia.
- 3 Um outro pioneiro do ramo chama-se Bernardo de Abreu, que criou a *Agência Abreu* na cidade do Porto (Portugal), em 1840. A empresa tratava dos vistos de saída, passagens de trem para Lisboa e passagens de navio para a América do Sul (REJOWSKI et al., 2002).
- 4 As crônicas da viagem foram publicadas na *Times* de Londres e, para alguns, inspirou o escritor Júlio Verne a escrever o romance *A volta ao mundo em 80 dias*, no ano de 1872 (REJOWSKI et al., 2002).
- 5 Nessa época não era comum mulheres viajarem sozinhas, sem a companhia de algum membro masculino da família. Em função das suas viagens ela se tornou integrante da *Sociedade de Geografia de Berlim* e da *Sociedade de Zoologia de Paris*, sendo sua viagem ao redor do mundo financiada por essas entidades (LEITE, 1997).
- 6 Ele voltava de uma viagem a Santa Helena quando sua embarcação sofreu algumas avarias, vítima de uma tempestade, e aportou na costa da Bahia. Entretanto, acabou se envolvendo no contrabando de pau-brasil e foi preso.
- 7 A Vitória era o bairro escolhido como local de moradia pela maioria dos estrangeiros que residia em Salvador e pelas famílias mais abastadas da sociedade baiana.
- 8 As fontes indicam que, provavelmente, tratava-se do *Hotel Universo*, o estabelecimento hoteleiro mais conhecido no período, na cidade da Bahia.
- 9 No século XIX, o banho estava em processo de consolidação como prática de higiene diária. Acreditava-se que a água morna energizava o organismo; a água quente, além de energizadora, servia para o relaxamento muscular e a água fria era usada nas hidroterapias (VIGARELLO, 1996).
- 10 Nos oitocentos, a base alimentar brasileira era caracterizada basicamente por farinha, feijão, arroz, carne seca, toucinho e açúcar (LIESELLOTE, 2003).
- 11 Entretanto, o *Palace* não se constitui, de fato, no primeiro empreendimento turístico privado implantado em Salvador a oferecer um certo conforto. O *Hotel Chile*, de propriedade do Sr. Júlio Rodrigues, edificado na 1ª década do século XX, já contava com uma boa estrutura para receber os visitantes mais exigentes (QUEIROZ, 2002).
- 12 Os viajantes se surpreendiam com a mistura racial encontrada no Brasil, sendo que a maioria a considerava um entrave ao progresso do país. O naturalista Louis Agassiz se mostrou um dos principais críticos da miscigenação racial brasileira.